

Ensaio sobre coragem

Frederico Alves
Líryan Faria

Existe um documentário chamado “Olhos Azuis”. Ele acompanha uma professora e socióloga norte-americana chamada Jane Elliot. Nele, a professora Jane apresenta um questionamento para o público de uma palestra composto majoritariamente por pessoas brancas. Ela diz:

- Quero que toda pessoa branca nesse auditório, que gostaria de ser tratada da mesma maneira que a sociedade trata os cidadãos negros, levante-se.

Ninguém se levanta e ela insiste:

- Vocês não entenderam. Se vocês, brancos, querem ser tratados do modo como os negros são tratados em nossa sociedade, levantem-se. Ninguém se levantou! Isso deixa claro que vocês sabem o que está acontecendo. Vocês não querem isso para vocês. Quero saber, então, por que aceitam isso e permitem que aconteça com os outros?

A situação é autoexplicativa. Assim como os brancos sabem o que acontece e como os negros são tratados em nossa sociedade, pessoas CIS sabem como pessoas trans são tratadas e não fazem nada, permitindo que o horror continue acontecendo.

A diferença entre o preconceito vivido por uma pessoa negra e uma pessoa trans (branca) é que, por algum tempo, de alguma forma, a pessoa trans consegue viver

no armário, já a pessoa negra não, pois a cor de sua pele, motivo pelo qual a discriminam, é visível desde o seu nascimento.

Por outro lado, quando a pessoa trans (branca) se pare para a sociedade, família, amigos, trabalho, relações, ela deixa aquela caixa desconfortável em que vivia de angústias e passa a ser rejeitada em absolutamente todos os lugares por onde passa, vivendo uma nova espécie de angústia.

Seu “defeito humano” passa a ser visto. A pessoa trans passa a ser uma expressão de si, uma reivindicação de si mesma enquanto pessoa que se reconhece e se reafirma no meio em que se encontra, gritando ao mundo que a humanidade é, também, para corpos que não estão condicionados a uma moral social de controle.

Então, sobre a forma que pessoas trans são tratadas, notadamente, pessoas trans pretas, quem gostaria de ser tratado como uma pessoa trans? Se não quer ser tratada como uma pessoa trans e não se manifesta contra, então, como dizer que você não contribui para os assassinatos e todas as demais violências vividas por uma pessoa trans? Aqui surge uma questão importante, que é uma consciência lógica nos tratamentos sociais e de como eles se estruturam e a quem eles asseguram privilégios. Afinal, ser a pessoa CISgênera que não

quer ser tratada como a sociedade trata pessoas transgêneras, e não tomar uma frente ativa na mudança deste tratamento, significa ser a pessoa que se beneficia da transfobia e quer, exatamente, se manter neste local de privilégio – que é análogo ao ponto de privilégio social experimentado pelas pessoas brancas em uma sociedade que sustenta e mantém o racismo.

Ouvi um podcast sobre a coragem que pessoas trans têm por assumirem quem são, o quanto as pessoas sempre dizem “nossa, você tem muita coragem”. Mas, nem sempre, se trata de coragem! Ou ao menos da noção comum de coragem, onde alguém realiza um ato que não tinha ou que não precisava realizar.

Acredito que essa coragem que pessoas CIS admiram é bastante reveladora. Essa “admiração” mostra a violência que pessoas trans vivem, a opressão que sofremos diariamente pela sociedade de forma geral, mas, sobretudo, dentro da família. Existem outros desdobramentos dessa violência, por assim dizer, na escola, no trabalho, nas rodas de amizades, nas festas em geral, inclusive no carnaval, a festa mais democrática do país, onde se comemora a liberdade.

É revelador porque deixa nítido que todos sabem dessas violências que pessoas trans passam, contudo, não fazem absolutamente nada para impedir que continuem.

Muitas vezes contribuem rindo com as piadas maldosas, desqualificando a existência da sigla T do arco-íris, que muitas vezes tem apenas a cor cinza para as pessoas trans envolvidas.

Quando na igreja se diz que “isso é coisa do demônio”, ou “você vai pro inferno se fizer isso” cada palavra está condenando uma pessoa trans a morte, a expulsão de suas casas, à marginalidade, à prostituição, ao vício... Se não há acolhimento nem no seio familiar, não será na rua que vamos encontrar abrigo. Esta postura, sórdida e que desumaniza as pessoas pelas suas expressões de gênero e construções sociais, ainda reforça a construção de uma sociedade normativa onde toda pessoa que transgride, comprometendo as estruturas de poder e controle, precisa ser rapidamente exterminada.

Quando do início da luta antirracista, se analisarmos o discurso dos racistas, vamos encontrar inúmeras semelhanças com o discurso anti-trans. É possível ver isso em relação a linguagem neutra, ou sobre educação sexual nas escolas, com as seguintes frases “estão querendo doutrinar nossas crianças”, “estão querendo ensinar sexo as nossas crianças”, ou ainda “nossas mulheres vão correr riscos”.

O uso do banheiro público é um campo de guerra quando se fala em uso não-binário ou mesmo quando se fala que

mulheres trans devem ter o direito de usá-los. Exatamente da mesma forma que no passado se privava pessoas pretas de frequentar os mesmos banheiros das pessoas brancas, ou dos impedimentos legais dos casamentos inter-raciais, ou mesmo da aceitação legal de situações de escravidão. A guerra e o ódio contra as pessoas trans na atualidade nada mais é do que uma reinvenção do ódio racista do passado.

Variantes dessas frases citadas acima e manifestações de ódio eram ditas para e sobre pessoas negras quando começaram a reivindicar o direito de frequentarem escolas nas mesmas condições que pessoas brancas faziam, ou de sentar em lugares não marcados nos ônibus, ou de não terem que beber água em bebedouros “exclusivos” para pessoas negras. Quem não se lembra da forma animalésca com que homens negros eram tratados quando se relacionavam com mulheres brancas? Hoje um paralelo direto para quando um homem cis branco se relaciona com uma mulher transgênera. Não que isso seja muito diferente dos tempos atuais, mas, ao menos hoje, temos leis que garantem certa proteção contra o racismo, embora haja muito a melhorar.

Entram em cena as terfistas (expressão usada na língua inglesa para se referir às feministas radicais trans-excludentes - Terf's), que insistem em desrespeitar e agir de forma extremamente violenta dizendo que mulheres trans querem usar banheiros femininos para

abusar de mulheres CIS. Esse argumento, além de ser uma grande falácia, serve apenas para propagar o ódio e o preconceito com pessoas trans. Aqui precisamos dizer que sequer existem estatísticas de mulheres trans agredindo mulheres cis em espaços femininos.

Pelo contrário, o que existem são diversos relatos e casos de mulheres trans impedidas de usarem o banheiro e até mesmo lésbicas cis com corpos não normativos ou com estética “caminhoneira” relatando agressões que sofrem de outras mulheres cis em espaços femininos. Sejam agressões verbais, psicológicas ou mesmo físicas, todas as estatísticas expõem uma realidade que não se sustenta no discurso terfista.

Podemos fazer as mesmas analogias com pessoas PcD's, indígenas, imigrantes e refugiados. O discurso é sempre o mesmo, sempre tentando não conceder direitos às pessoas desprovidas de dignidade, de saúde mental e física, de bem-estar social, sobretudo, desprovidas de identidade e, por isso, não são reconhecidas como seres humanos. São pedaços de coisas jogados aos cães, aos leões. E, mais uma vez, ninguém se importa. Ainda que essas pessoas tenham mães, pais, irmãos, tios e avós, amigas, namorades, empregos. Nada se sustenta quando a pessoa trans fala que é trans, ou quando descobrem (sabe-se lá como).

Sim, há muita coragem em ser uma pessoa trans, porém, depois que se revela ao mundo sua transgeneridade, tudo aquilo que se tinha como certo, conhecido e definido, sua vida se desintegra. Como num passe de mágica (uma mágica às avessas) Cinderela perde seu sapato de cristal, que nunca mais será encontrado, e o príncipe se transforma num sapo, e passa a ser visto como um ser repugnante. Com isso, como não dizer que a sociedade escolhe os corpos que irá amar? Escolha que é feita a partir da construção de uma estética normativa, cis e direcionada ao ideal religioso de perfeição: o homem branco vitruviano, que é relatado como “imagem e semelhança” de um ente divino. Se o homem branco cis é a imagem humana próxima de Deus, tudo que for diferente deste “modelo ideal” perde humanidade em uma linha onde quanto mais distante do “modelo ideal” menos humano.

Por outro lado, ou se perde tudo o que se conheceu até aquele momento, ou é a morte, literalmente. As taxas de suicídios entre pessoas trans são extremamente alarmantes e acima da média entre pessoas CIS, especialmente, entre homens trans. Paulo Vaz foi suicidado por conta dos ataques de pessoas CIS do próprio meio LGBTQIAP+. Em sua maioria, não foram pessoas heteronormativas que o atacaram nas redes

sociais com a mais perversa transfobia. Os ataques partiram, principalmente, mas não só, de drag queens, homens gays, lésbicas, pessoas bi, e, claro, feministas radicais trans-excludentes/terfistas. Entretanto, o que une todas elas é o fato de serem CIS. E esse é apenas um caso dentre tantos outros que sequer ficamos sabendo, afinal, não é possível seguir apenas confiando na coragem de ser, se o mundo nega te reconhecer como você é.

À pessoa CIS, ser, estar e permanecer não é negado, ao contrário, existem incentivos diários com frases motivacionais como “você pode ser quem você quiser”, e nas entrelinhas entendemos “mas não seja uma pessoa trans, ou negra, ou indígena, ou PcD, ou ribeirinha, imigrante ou refugiado, amarela, moradora de favela, pessoa pobre, apenas seja e se mantenha dentro do padrão produtivo e reprodutivo que queremos”.

Então, pessoas CIS, incluindo pessoas CIS LGB e heteronormativas, este não é um texto emotivo, é um texto sobre direitos negados, sendo o direito de existir o principal, logo, quero saber, vocês gostariam de serem tratados como a sociedade trata as pessoas trans?

FREDERICO ALVES

Frederico Alves é bacharel em direito (em breve advogado trans) e professor de séries iniciais.



Líryan Faria é professora de Filosofia e especialista em Gestão de Educação. Também atua como programadora.

LÍRYAN FÁRIA